

## *O entrelaçamento do sujeito do inconsciente com o Outro<sup>1</sup>*

*Maria José Carvalho*

Nós, seres falantes, somos recebidos num discurso que nos precede. Nem que seja com o nosso próprio nome, temos nossa inscrição nesse discurso: as cordinhas do simbólico começam sua trama antes do nosso nascimento. Somos falados, nem que seja por nossos pais.

Será que nossa existência é pautada por “nosso desejo”, ou somos forçados a seguir caminhos sinuosos, repetitivos, cheio de pedras e flores, sem que possamos fazer escolhas efetivas?

O intuito de responder a essa pergunta e a outras que penso estar na direção do meu trabalho.

Em psicanálise, trabalhamos com a hipótese do inconsciente, por isso, no que quero avançar, pergunto:

Como nós, analistas, concebemos a dependência da formação do sujeito do inconsciente em relação à existência dos efeitos do significante?

Como advém um significante enquanto significante?

Sabemos que o significante se distingue do signo. Enquanto o signo representa algo para alguém, o significante é articulado de outra forma, representa o sujeito para um outro significante. E se ele representa assim o sujeito, como isso se dá?

Vamos tomar o signo no ponto em que podemos tomá-lo como representando algo para alguém no nível do rastro. Vamos ao romance de Robinson Crusóé. Lembremos do rastro de *Sexta-Feira na ilha*. O que aparece não é qualquer cruzamento de rastro, que poderia ser de animais, o que aparece é o rastro daquilo que alguém se esforçou para apagar (o rastro). Esse exemplo nos pode ser útil para percebermos a passagem do sujeito, quando se trata de sua relação com o significante. Nesse desaparecimento do rastro, o que o sujeito procura fazer desaparecer é sua passagem de sujeito mesmo. O desaparecimento é redobrado pelo desaparecimento visado, que é o do ato, o próprio ato de fazer desaparecer. A estrutura do sujeito, a partir dessa relação com o significante, converge para a emergência desses momentos de *fading*, ou seja, de desaparecimento, propriamente ligados ao que só aparece para desaparecer e reaparece para de novo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XIII Jornada Anual da Práxis Lacaniana, 06 e 07 de novembro de 2010, Niterói.

desaparecer, que é a marca do sujeito. O sujeito é evanescente, aparece entre dois significantes, para desaparecer logo em seguida.

Se o rastro é apagado, o sujeito cerca o lugar por um cerne, por um âmago, algo que, desde então, lhe concerne: ele, a referência a partir do lugar em que encontrou o rastro, temos aí o nascimento do significante.

Uma vez constituído o significante, há, forçosamente, dois outros, antes. Um significante é uma marca, um rastro, uma escrita, mas não se pode lê-lo só. Dois significantes são uma confusão de uma coisa por outra. Três significantes são o retorno daquilo de que se trata, isto é, do primeiro. Quando falamos, fazemos deslocamento ou metonímia e também substituição ou metáfora. São as leis da linguagem. Então, é nesse deslocamento, é nessa substituição, por onde o que tem um sentido se transforma em equívoco e reencontra seu sentido. É nessa articulação constantemente giratória do jogo da linguagem, é em suas próprias sínopes, que nós, analistas, temos que localizar o sujeito do inconsciente, nas suas diversas funções.

O neurótico quer transformar o significante naquilo de que ele é o signo. O neurótico não sabe que foi, enquanto sujeito, que ele fomentou isso: o advento do significante enquanto o significante é o apagador principal da coisa; ele é o sujeito que, ao apagar todos os traços da coisa, faz o significante. O neurótico quer apagar esse apagamento, quer fazer com que isso não tenha acontecido. O obsessivo é exemplar nisso. Aquilo para o qual ele volta sempre, sem jamais poder abolir seu efeito – pois cada um dos seus esforços para abolir só faz reforçá-lo – é fazer com que esse advento da função do significante não se tenha produzido, que se encontre o que há de real, na origem, ou seja, aquilo de que tudo isso é signo.

Como sabemos, o Outro e o discurso em que o sujeito tem que se situar o esperam desde sempre, antes do seu nascimento e por intermédio, ao menos, de sua mãe, se fala para ele.

O neurótico foi pego numa verdadeira armadilha, ou seja, no cruzamento, no intercâmbio ingênuo que se produz pela dimensão do Outro, entre o desejo e a demanda. Ele tentará fazer passar na demanda, aquilo que é o objeto do seu desejo, tentará obter do Outro não a satisfação de sua necessidade, pela qual a demanda é feita, mas a satisfação de seu desejo, isto é, de ter o objeto, mas isto é, precisamente, o que não se pode demandar. E isso está na origem do que se chama de dependência, nas relações do sujeito com o Outro. Do mesmo modo, ele tentará, mais paradoxalmente ainda, satisfazer, pela conformação de seu desejo, à demanda do Outro. Desse modo, o

neurótico vai-se dirigir, de uma certa maneira, ao banqueiro, de outra, ao político, de outra, a um outro personagem, ou seja, seu desejo será tomado e remanejado não apenas no sistema do significante, mas no sistema do significante tal como instaurado ou instituído no Outro.

O que a nossa prática aponta é que o impasse do neurótico é, em primeiro lugar, e antes de tudo, o problema dos impasses de seu desejo, esse impasse sensível a cada instante, e contra o qual o vemos sempre se chocar. Para seu desejo, é-lhe necessário a sanção de uma demanda.

O próprio objeto, enquanto objeto do desejo, é o efeito da impossibilidade do Outro para responder à demanda.

Pelo menos aparentemente, é numa dependência da demanda do Outro que o neurótico tenta fundar, instituir seu desejo. Existe, nesse nó com o Outro, uma relação de engodo.

É na hiância, na passagem do signo ao significante, que vemos aparecer o que distingue o sujeito na diferença: é signo ou significante?

Signo de quê? É justamente o signo de nada. Se o significante se define como representando o sujeito junto a outro significante – reenvio indefinido de sentidos – e se isso significa alguma coisa, é porque o significante significa, junto do outro significante, essa coisa privilegiada que é o sujeito enquanto nada. Nesse nível, a impotência do Outro se enraíza num impossível que é ele mesmo. A impotência do Outro em responder se deve a um impasse, e esse impasse se chama: limitação de seu poder. Que o Outro demande não saber está aí a parte privilegiada de duas demandas não confundidas: a do sujeito e a do Outro. O desejo se define como a interseção do que, nas duas demandas, não se pode dizer.

Então, o desejo se constitui, inicialmente, como aquilo que está oculto (escondido) do Outro por estrutura. É o impossível ao Outro, justamente, que torna o desejo do sujeito. O desejo se constitui como a parte da demanda que está oculta no Outro, este que não garante nada, justamente enquanto Outro, enquanto lugar da palavra, é aí que ele toma sua incidência significante. Ele se torna o véu, a cobertura, o princípio de ocultamento do próprio lugar do desejo, e é aí que o objeto se vai ocultar. Se há uma existência que se constitui primeiramente é esta, e ela substitui a existência do próprio sujeito, porque este, enquanto suspenso no Outro, fica igualmente suspenso no fato de que, do lado do Outro, nada está seguro, salvo justamente que ele oculta, que ele cobre alguma coisa

que é esse objeto, esse objeto que talvez ainda não seja nada, enquanto se vai tornar o objeto do desejo.

O objeto do desejo existe como esse próprio nada, do qual o Outro não pode saber que é tudo aquilo em que ele consiste. Esse nada, enquanto oculto ao Outro, toma consistência, torna-se o invólucro de todo objeto diante do qual a própria pergunta do sujeito se detém, na medida em que o sujeito não é, então, mais que imaginário. A demanda é liberada da demanda do Outro, na medida em que o sujeito exclui esse não saber do Outro. Mas, há duas formas possíveis de exclusão. Uma é: pouco importa você saber ou não, e ajo. A outra: é absolutamente necessário que você saiba, esse é o caminho que o neurótico escolhe, e, por isso, é designado, antecipadamente, como vítima. A maneira para o neurótico resolver o problema desse campo do desejo, enquanto constituído por esse campo central das demandas, que justamente se recortam e, por isso, devem ser excluídas, é que ele crê que o analista sabe. Se não fosse assim, não faria análise.

O que faz “o homem dos ratos” ao levantar à noite? Ele vai até o corredor, para abrir a porta ao fantasma do seu pai morto, para lhe mostrar que está tendo uma ereção. Aí está a revelação de uma conduta fundamental: o neurótico quer que, por falta de poder, já que está assegurado que o Outro nada pode, ao menos ele saiba. O neurótico, contrariamente ao que se crê, é alguém que se compromete como sujeito. Ele próprio se põe em balanço para decidir entre “o nada pode ser” e “o pode ser nada”, põe-se como real face ao Outro, isto é, como impossível.

O obsessivo encarna essa dimensão de que ele é a mais – essa é para ele sua forma de impossível – e que, desde que tenta sair de sua posição, emboscado de objeto oculto, é preciso que seja objeto de lugar nenhum: daí essa espécie de avidez quase feroz no obsessivo, de ser aquele que está por toda parte, para não estar justamente em lugar nenhum. Já que ele não pode estar em toda parte, ao menos estar em vários lugares ao mesmo tempo, isto é, que, em todo caso, em nenhum lugar o possamos apreender.

A histérica tem um outro modo, que é, por suposto, o mesmo, tem sua mesma raiz, ainda que menos fácil, menos imediata de compreender. Também se pode colocar como real, enquanto impossível, então seu truque é que esse impossível subsistirá, se o Outro a admite como signo. A histérica se coloca como signo de alguma coisa em que o Outro poderia crer, mas, para constituir esse signo, ela é bem real, e é preciso, a todo preço, que esse signo se imponha e marque o Outro.

Antes de terminar, quero acrescentar: o que nós aqui tratamos de apreender é que o assunto que nos interessa é o desejo.

É evidente que isso só faz sentido a partir do momento em que começamos a articular, a situar a que distância, através de qual truque, que não é de tela intermediária, mas de constituição, de determinação, podemos situar o desejo.

O desejo é profundamente modificado em sua ênfase, subvertido, tornado ambíguo, ele mesmo, pela passagem, pelas vias do significante.

Podemos ilustrar essa relação entre o significante e o desejo com esta anedota vienense, que nos foi narrada por Freud, no “Chiste e sua relação com o inconsciente”.

Trata-se de uma pessoa que, após ter dado a um mendigo algum dinheiro, que este precisava para pagar algumas dívidas, fica indignada ao ver que esse dinheiro foi usado com outra finalidade.

Essa pessoa, após sua boa ação, encontra o pedinte num restaurante, degustando uma salada de salmão: E lhe diz: - “Mas, como, foi para isso que lhe dei o dinheiro? Para você se regalar com salada de salmão?” O outro responde: - “Ora não compreendo. Quando não tenho dinheiro, não posso comer salada de salmão; quando tenho algum, também não posso. Afinal quando vou comer salada de salmão?”